

Apresentação do livro “Saúde para Todos: 25 anos ao serviço de São Tomé e Príncipe”



Em primeiro lugar queria agradecer a honra de apresentar este livro, eu que não participei em nenhuma das missões que aqui estão descritas.

E a primeira observação depois da leitura, é que fiquei com pena de não o ter feito, de tal forma é entusiasta e inspirador o testemunho de todos os co-autores deste livro. E essa é uma das suas características distintivas: como refere o Dr. Paulo Freitas na sua introdução, este não é um livro de um autor mas de centenas de autores, porque é, acima de tudo, o testemunho de todos os que responderam ao convite para abandonarem a sua rotina profissional, largarem as suas famílias, perderem dinheiro, e partirem uma, duas, dezenas de vezes para ajudar doentes noutra continente.

E é nesta opção de autoria coletiva que o livro revela os seus objetivos: tornar-se memória de um notável conseguido e, ao mesmo tempo, homenagear todos os protagonistas desta saga.

E é bom que isso se faça com um livro porque os livros são ainda um dos mais eficazes instrumentos para fazer perdurar a nossa memória coletiva. E é também bom que se faça esta apresentação do livro, porque isto é um rito de celebração e faz-nos bem, de vez em quando, encontrarmo-nos para celebrar algo que merece ser celebrado.

Apesar de ser um livro de centenas de autores, ele foi na realidade, concebido e escrito por duas pessoas: a jornalista Joana Barrocas e o Dr. Paulo Freitas. E o resultado é uma junção feliz do rigor, da facticidade e do conhecimento de quem esteve na base do programa, com a arte de dar voz às pessoas, na tradição do melhor estilo jornalístico.

Qual a estrutura do livro?

O livro inicia-se com uma homenagem feita ao Instituto Vale Flôr pelo Dr. Manuel Pinto da Costa, Presidente de São Tomé e Príncipe e por uma introdução do Presidente do Conselho de Administração do Instituto Vale Flôr, Dr. Paulo Freitas.

O primeiro capítulo, intitulado *O início de uma nova era*, sintetiza o historial da presença do Instituto Vale Flôr em São Tomé, discriminam-se os prémios e reconhecimentos recebidos pelo Programa, a cronologia da intervenção desde 1988 até à atualidade e destacam-se os números que quantificam a atividade do Instituto.

É curioso assinalar que este capítulo não se inicia com o princípio da intervenção do Instituto em São Tomé, mas com um acontecimento recente, mais precisamente em 6 de junho de 2013, data em que foi realizada a primeira mamografia no país e em que se iniciou a utilização da Medigraf, uma plataforma de telemedicina desenvolvida no âmbito deste projeto. Este

começar pelo fim, interpreto-o como um sinal de quem está mais preocupado em projetar a próxima etapa do futuro do que em visitar o passado.

Dos muitos prémios e reconhecimentos destaco a distinção, em 2011, pelas Nações Unidas, como um dos 15 estudos de caso mais inspiradores a nível mundial como exemplo de boas práticas em capacitação e desenvolvimento sustentável.

Na cronologia do Programa percebemos a inteligência do caminho, nas prioridades estabelecidas e no desenvolvimento incremental: de 1988 a 1993, o Instituto concentrou a sua atividade no distrito Mé-Zochi, onde tomou literalmente conta dos sete centros de saúde e do hospital Monte Café. A partir de então o Programa foi-se alargando a outros distritos e passou a focar-se mais nos cuidados de saúde preventivos e cuidados primários. A partir de 2008, ganhou uma dimensão nacional. Foi neste ano que se iniciou o Projeto Saúde para Todos: Especialidades, que é o principal objeto deste livro.

Para falar dos números deste programa, temos que dizer que São Tomé é o segundo mais pequeno estado africano, com 188 mil pessoas, onde 67% dos anos de vida perdidos ainda são por doenças infetocontagiosas e onde o governo gasta 53 euros por pessoa anualmente em saúde.

Dos números deste Programa destaco alguns que são impressionantes: em seis anos, de 2008 a 2013, nos cuidados primários, realizaram-se 240 mil consultas de planeamento familiar, 27 mil consultas pós parto, 465 mil consultas médicas e foram administradas 362 mil vacinas, entre outros números. De 2009 a 2013 o Projeto Especialidades mobilizou 150 profissionais de saúde, de 22 especialidades médicas, em 350 missões, que permitiram realizar 20 mil consultas, 3 mil cirurgias, 10 mil exames complementares e 300 sessões de formação. Há já mesmo casos de doentes santomenses a residir em Portugal, que são aconselhados a ir operar-se a São Tomé porque lá é mais rápido.

Reparei que a Medicina Interna não faz parte destas 22 especialidades, mas depois pensei: qual é a especialidade dos dois principais mentores do projeto: Dr. Paulo Freitas e Ahmed Zaky? Ambos são internistas! Ora aqui temos a Medicina Interna a cumprir uma das suas principais vocações: a de ser uma especialidade de síntese, de integração e de fazer a ponte com outras especialidades e outras áreas do conhecimento.

A eficácia deste Programa pode também avaliar-se pelo facto de já existirem doentes. Este Programa permitiu reduzir em cerca de 50% as evacuações sanitárias de doentes para Portugal, que representavam cerca de 40% do orçamento do Ministério da Saúde de São Tomé. Esta redução das evacuações é significativa em termos económicos, mas ainda mais, em termos humanos, pois evita a deslocação para Portugal de muitos doentes, que eram retirados da companhia das suas famílias, precisamente quando mais precisavam delas.

Este Programa deu, seguramente, um contributo importante para que São Tomé tenha atualmente uma esperança de vida de 63 anos, a nona mais elevada em África, tenha a mais

baixa mortalidade materna de África, a segunda melhor taxa de cobertura pré-natal e a mais elevada percentagem de partos assistidos por um profissional de saúde.

Depois, há 16 capítulos dedicados a cada uma das especialidades e um à introdução da linguagem gestual em São Tomé. São especialidades com frequências de missões muito diferentes, que vão das três missões apenas até às 73 realizadas pela Otorrino. São missões que integram múltiplos profissionais de muitos hospitais públicos e privados a nível nacional.

Estes capítulos estão escritos em discurso direto, com declarações dos profissionais que participaram nas missões, mas também com testemunhos de doentes. Existem sensações que são transversais a muitas destas declarações: o choque com uma realidade onde faltam as coisas mais básicas, a terrível falta de recursos na área da saúde, principalmente nas primeiras missões, a necessidade de baixar as expectativas e revalorizar práticas que abandonamos, como a reutilização de materiais, o confronto com doenças estranhas à prática da medicina em Portugal, com estádios mais evoluídos ou complicações mais graves de doenças conhecidas, a irrupção do inesperado, como ver os gessos desfazerem-se em 24h com o calor e a humidade, a possibilidade de introduzir rapidamente melhorias pela correção de práticas instaladas erradas, como “esterilizar” uma sala com vapores de formaldeído, a necessidade de improvisar ou mesmo inovar, como a fisioterapeuta Aldina Lucena que começou a levar flautas e pequenos aros de fazer bolinhas de sabão para avaliar a função respiratória dos miúdos.

Outra observação que aparece referida em várias declarações é o estoicismo dos doentes, particularmente impressionante no caso das crianças, a tolerância à dor, a aceitação resignada do defeito ou da incapacidade. Também as intermináveis filas de doentes que acorrem às consultas e a intensidade do trabalho para responder a todos. A sensação de utilidade que os profissionais experimentam, a consciência de fazer a diferença na vida daquelas pessoas, mas sobretudo a emoção de ver reaparecer o sorriso nas faces de crianças amarguradas pela doença, de sentir o reconhecimento sincero dos doentes tratados, das mães, dos pais, dos filhos, das segundas vítimas das doenças, de ser abraçado por quem fica sem palavras para expressar um agradecimento.

O Dr. Luis Pereira, oftalmologista, depois de uma cirurgia ocular a uma criança diz: “depois da operação conseguimos ver o que nunca se tinha visto naquela criança: um sorriso. E isso é tudo o que queremos ver”.

Apesar destas declarações há uma contenção que atravessa todo o livro. A intensidade da experiência de cada um é uma resultante de olhares, de sons, de cheiros, de toques, de emoções, mas isso não é traduzível em palavras, entra na esfera do indizível. Não houve só sucessos, houve seguramente fracassos, não foi só a satisfação por acudir a muitos mas também a amargura de não chegar a todos, não foram só boas notícias, houve também más notícias, não foram só alegrias, houve também lágrimas, mas existe um certo pudor que leva à ocultação desta intimidade. Não deixo de pensar nesta experiência como uma experiência iniciática, em que ninguém sai como entrou, toda a gente sai tocada, no sentido que lhe dá Roland Barthes e, nessa medida, é também uma experiência de transcendência.

No caso de muitas das pessoas que participaram nas missões é impressionante ver o número das que têm alguma ligação a África, porque alguém da família já lá esteve, porque fez tropa em África ou por outras ligações de outra natureza e como a ideia de retorno emerge no discurso de alguns. Eu vivi na infância e juventude dois anos no Porto Santo e quatro anos em Angola e sempre resisti em retornar, porque achava que o tempo mitifica as memórias boas e permite-nos esquecer as más. Mas este retorno simbólico é um retorno sem medo, desapegado do passado, impregnado dum sentido de missão e iluminado por uma energia de generosidade.

O último capítulo é dedicado aos bastidores das missões e desvenda um segredo do sucesso da atividade do Instituto Vale Flôr: uma pequena equipa de gente muito competente e dedicada ancorada numa rede de pessoas locais, os melhores entre os melhores, que mais que colaboradores, são pessoas conquistadas para a causa, alinhadas com objetivos definidos, empoderadas nas suas capacidades e que são quem faz as coisas acontecer.

Este Programa é também impressivo na capacidade de quebrar barreiras e mobilizar boas vontades: ao contrário do que é habitual em Portugal, o que vemos neste livro é a transcrição de processos que levaram ao sucesso, porque cada porta a que se bateu teve sempre alguém do lado de lá que a abriu. É significativo que os agradecimentos finais sejam feitos a 86 entidades diferentes.

No fim do livro são transcritos uma série de depoimentos, englobados num título: O que pensam de nós: e o reconhecimento da obra feita é unânime.

Finalmente, queria falar de ambição, de visão e da síndrome do desvio de olhar. Tudo começou quando um jovem de 16 anos, natural de Murça, de seu nome José Luis Dias Constantino, que tinha apenas a 4ª classe e emigrou, em 1871, para São Tomé e foi trabalhar como trabalhador rural na roça Vale Flôr. Depois, a sua ambição, o seu espírito empreendedor e pioneiro, promovendo inovações na secagem do cacau, na produção de energia em centrais hidroelétricas, aliado ao seu progressismo no domínio da assistência médico-social aos trabalhadores das roças, levaram-no a ser o maior roceiro de São Tomé e depois, a assumir a intermediação do comércio do cacau a nível internacional. Isso permitiu-lhe tornar-se a 7ª maior fortuna da Europa. Em 1890, D. Carlos concedeu-lhe o título de Marquês de Valle Flôr. Sempre se destacou pela sua generosidade em relação aos seus colaboradores e à sua terra.

Em 1951, a Marquesa de Vale Flôr, criou o Instituto Vale Flôr, para perpetuar a memória de seu marido. Um bom exemplo de conversão da nobreza a uma causa nobre. O objetivo inicial da instituição foi o apoio à investigação na área da saúde e a assistência à população mais carenciada, especialmente em S. Tomé e Príncipe. Muitos se devem lembrar do prémio Vale Flôr que distinguia as crianças que se evidenciavam por feitos heróicos.

O terceiro momento ocorre em 1986, altura em que o Dr. Paulo Freitas, recém entrado na administração de um instituto em estado vegetativo, acorre a São Tomé para dar um novo rumo ao seu Instituto e encontra na salvação do Hospital de Monte Café, que estava prestes a encerrar esse novo sentido para Fundação. Neste hospital encontrou o seu parceiro para o

futuro no Instituto, Dr. Ahmed Zaky, médico egípcio, que dois anos antes tinha escolhido São Tomé para dar sentido à sua vida de médico.

Desde então, o Instituto Valle Flôr estendeu as suas áreas de intervenção, em prol de um desenvolvimento global, aos domínios da Saúde, da Educação, dos Direitos Humanos, da Capacitação Institucional, da Segurança Alimentar, da Reabilitação e da Ajuda Humanitária de Emergência, em parceria com mais 60 entidades.

Este livro é principalmente sobre um projeto: o projeto Especialidades, que se insere num Programa mais vasto que se chama Saúde para Todos, que é, por sua vez, um dos vários programas que o Instituto Vale Flôr está a desenvolver em São Tomé. São Tomé que é tão só um dos 9 países onde o Instituto está a desenvolver outros 30 projetos diferentes, que já originaram 61 publicações como esta.

Paulo Freitas, Ahmed Zaky, Edgar Neves, Julieta Espírito Santo e outros.

Há gente assim, gente que tem uma visão, que persegue um sonho, que arrasta outros para dentro desse sonho e faz com que esse sonho pareça deles, que dá o palco aos outros, que sofre de um desvio de olhar: onde uns vêem águas azul turquesa e palmeiras para trepar, outros olham para os miúdos que vivem na periferia dos resorts. Há gente que olha com o coração, que vê o invisível por trás do visível, que contamina com a sua paixão, que contraria esta sensação de fracasso da nossa geração que tendo assistido e sido agente das mais extraordinárias mudanças de toda a história da humanidade, tem esta consciência triste de deixar um mundo em pior estado do que o recebeu dos nossos pais. Há gente que tenta diminuir esta iniquidade dum mundo que parece um cometa, em que à frente cada vez menos beneficiam cada vez mais do desenvolvimento, e todos os outros indivíduos e povos se arrastam na cauda do cometa, catando as migalhas que restam.

Esta gente faz falta para nos devolver a esperança, a São Tomé como a Portugal, esta gente merece a nossa admiração, o nosso aplauso e o nosso agradecimento sentido.

Luis Campos, Lisboa 15 de abril de 2015